



Os irmãos Gilberto e Paulo Sá, sócios gerentes da exploração

Foto cedida por G. Sá

EQUIPAMENTO | BOVINOS DE LEITE

UM NEGÓCIO À MEDIDA, COM O APOIO DE UM ROBOT

Gilberto Sá e Paulo Sá são irmãos e sócios na gestão de uma exploração leiteira familiar em Laundos, concelho de Póvoa de Varzim. Há cerca de seis meses, instalaram-se numa nova vacaria e substituíram a sala de ordenha tradicional por um robot Gea R9500. Com um efetivo total de 160 animais, das quais 64 vacas em ordenha, projetam, para o final do ano, um aumento na produção de leite, de 700.000 para 900.000 litros. **Por** Ruminantes | **Fotos** FG

A Ruminantes entrevistou Gilberto Sá, no final de agosto, numa reportagem patrocinada pela GEA. O objetivo foi perceber de que forma o programa de gestão de efetivos DairyNet tem ajudado na gestão de todas as operações relacionadas com a produção de leite. Registámos, também, o testemunho sobre o dia-a-dia de um jovem empresário

que gere uma vacaria leiteira com um profissionalismo bastante acima da média.

O PERCURSO DE GILBERTO SÁ

Gilberto Sá (Gil, como gosta de ser conhecido) cresceu na vacaria familiar, e desde sempre gostou de vacas. Depois de ter concluído um curso de Técnico Agrícola e outro de Cuidados Veterinários, licenciou-se em Enfermagem Veterinária. O seu percurso profissional não parou por aí, e

só uns anos mais tarde voltou à exploração familiar para se dedicar a 100% à gestão do negócio, com o seu irmão, Paulo: “Depois de concluir a licenciatura, tive a oportunidade de estagiar numa das maiores explorações da UE. Fui também consultor em algumas explorações agrícolas, por isso, tive a oportunidade de estar ‘do lado de fora’ durante 5 anos. Só há cerca de 3 anos estou dedicado a 100% à exploração familiar. Sempre quis ter o meu negócio e um



modo de vida tranquilo. Nunca ambicionei grandes dimensões, o meu objetivo é apenas ter uma exploração rentável, tranquila e com organização.”

“CRIAR UM GRUPO MUITO BOM DE ANIMAIS”

Atualmente, a exploração está dimensionada para 65 vacas em ordenha. Gil e Paulo estão a cargo da exploração, com a ajuda do pai. O objetivo, a curto prazo, é “criar um grupo muito bom de animais para, no futuro, conseguir duplicar a produção. Para já, queremos amortizar esta estrutura e tirar rentabilidade máxima dela, crescer gradualmente”, diz Gil. Outro objetivo que definiram foi conseguir uma menor dependência da aquisição de alimento. Atualmente cultivam 26 ha de azevém, 20 ha de milho e 2 ha luzerna, quase tudo regado: “Queremos ser menos dependentes das rações e, para isso temos que produzir muita da nossa matéria-prima, mais milho grão para produzir pastone e mais luzerna para aumentar a proteína. Produzimos luzerna há cerca de 8 anos e já fizemos a segunda sementeira. A 1ª sementeira durou cerca de 7 anos. Fazemos 8 a 9 cortes anuais.” Gil e Paulo começam também a dar

os primeiros passos numa engorda de pequena dimensão “para criar um produto de valor acrescentado”.

O ROBOT E O DAIRYNET

A introdução do robot, coincidente com a inauguração da nova vacaria, ocorreu há 6 meses. Foi uma ideia muito pensada, para substituir a sala de ordenha antiga, tandem, de 4 postos. Na opinião de Gil, o robot é um sistema que se adapta bem à agricultura familiar de Entre-Douro e Minho: “Na minha ótica, o robot não é para grandes escalas. É um método de extração de leite para quem gosta de passar tempo com os animais e em dimensões familiares.” A introdução do robot poupa-lhes 4 horas diárias, o tempo que levavam a fazer a ordenha “com tudo a correr bem”. Desde que houve a ideia de colocar o robot, a genética do efetivo tem sido trabalhada, explica Gil: “Olhamos essencialmente à velocidade de descarga do leite, pernas e pés, úberes, colocação dos tetos, eficiência alimentar, gordura e proteína.”

Mas o robot tem a limitação de, quando se quer crescer, serem 60 vacas de cada vez...

Sempre vi essa limitação como um ponto

forte. Como nesta região temos áreas de cultivo reduzidas, o robot obriga-nos a criar eficiência. Quando temos ordenha, temos tendência a deixar ficar os animais menos rentáveis na exploração porque há espaço e recurso a alimento mas, depois, a rentabilidade baixa. Com o robot, existindo um número limite de vacas, somos obrigados a ir selecionando o efetivo, caminhando para uma maior eficiência. Estamos sempre a melhorar o plantel e a descartar os animais menos bons.

Porque optaram pela Gea?

Adquirimos o GEA R9500, o modelo mais recente lançado pela empresa. Já conhecia o mercado dos robots de ordenha há uns anos e acho que esta última versão Gea é muito competente. Permite-me ter controlo absoluto sobre todo o processo e sobre cada vaca. Em casos específicos, em que é importante fazer um seguimento personalizado da vaca, como o caso do parto que aconteceu hoje, é possível acompanhar a primeira ordenha, que é um processo extremamente importante. Se o animal entrar calmo, se for eu a tirar os primeiros jatos de leite, a passar a mão pelo úbere e a acalmá-lo é completamente diferente de o colocar numa “caixa” e deixá-lo à sorte

dum braço robotizado. Permite ainda acompanhar alguma patologia, consultar os dados e depois comprovar com os olhos se existe necessidade de tratamento. Uma das maiores mais-valias deste modelo é a rapidez com que conseguimos consultar toda a informação e executar processos. Se houver uma mastite, por exemplo, em segundos bloqueamos uma box, colocamos um tratamento, enviamos uma amostra para o laboratório. Todo o processo é extremamente simples. Outro exemplo: numa vaca que tenha tido uma mastite muito grave, mas que tenha recuperado novamente uma boa rentabilidade — ainda que um dos quartos não esteja a cem por cento — é possível, até que seja feita a secagem, rejeitar apenas o leite desse quarto, aproveitando o restante. Em resumo, possibilita o acompanhamento muito detalhado de todo o processo de produção.

Como se comporta o robot em termos de consumos?

Não são consideráveis. Além do mais, a nossa vacaria é auto-sustentável no período de verão através de painéis solares. Não temos acumuladores de energia, mas a que vendemos à rede é uma grande ajuda.

Como fizeram a transição para o robot?

Os técnicos da Gea ajudaram-nos,

sobretudo no dia do arranque. A transição foi muito calma. Nesse dia, começámos a ordenha mais cedo, às 5 horas da manhã, às 7 horas as vacas estavam ordenhadas. Fizemos o transporte o mais rapidamente possível, às 9 horas os animais já estavam todos na nova vacaria. Deixámos as vacas à vontade para que descansassem e se habituassem às novas instalações e por volta das 14 horas começámos a ordenhar. Fizemos a colocação manual das tetinas às primeiras vacas, mas depois apercebemo-nos que os animais estavam muito calmos e deixámos o robot fazer o seu trabalho. Para habituar as vacas à rotina das 3 ordenhas diárias, fizemos 3 lotes de animais e rodámo-los durante 3 dias, 24 horas sobre 24 horas. No 1º mês, fizemos questão de tocar vacas. Não queríamos que se atrasassem e que passassem mais que 11-12 horas desde a ordenha anterior. Educámos as vacas à nova rotina. Depois disso, virámos costas e o resultado foi espetacular.

Houve quebras de produção ou na qualidade do leite?

Não tivemos quebras na produção. Na qualidade do leite, houve um processo de adaptação mesmo do ponto de vista nutricional, e a quantidade de sólidos sofreu uma quebra.

Mudaram as instalações, o sistema de

ordenha e o sistema alimentar. Neste último, o que se alterou?

Na exploração antiga, sem robot, gostávamos de trabalhar com forragens com mais matéria-seca (MS) e maior teor de amido (teores energéticos mais elevados) mas este não é um sistema que funcione a 100% nos robots. Uma base alimentar muito energética traduz-se em maior saciedade do animal e em pouco movimento (menos visitas ao robot). Com o robot, o processo alimentar é diferente: colocamos a proteína na base alimentar na manjedoura e menos MS para que este seja mais apelativo — fazendo com que as vacas consigam ingerir mais quantidade— e introduzimos mais energia no granulado no robot.

De momento, as nossas forragens ainda não estão adaptadas ao sistema de ordenha robotizado.

Estamos agora a fazer a experiência de permitir que as vacas do efetivo com uma velocidade de ordenha muito rápida (5 kg/min) vão ao robot só para se alimentarem, mesmo não tendo direito a ordenha. Essas vacas acabam por estar apenas 4 minutos na box, e nesse tempo não conseguem consumir a quantidade de ração necessária. Também permitimos que as vacas no pós-parto, no arranque, se viciem no robot, deixando-as lá ir para comer, mesmo sem terem direito a ordenha.



Vista geral da vacaria